

Entrevista Luiz Alfredo Ferreira - Niterói (RJ), 21 de setembro de 2021

M.T. 21 de setembro de 2021, estamos na casa do Luiz Alfredo Ferreira em Niterói, no bairro de Charitas, para fazer uma entrevista com ele.

Em primeiro lugar, enfim, a pergunta que a gente costuma fazer...

L.A. A entrevista não vai sair de cabeça pra baixo? [Risos]

(Obs: a respeito da posição do celular para a gravação)

M.T. Não, só o som não [Risos]. Eu queria saber, enfim é, onde e em que data que o senhor nasceu.

L.A. Eu nasci no dia 15 de maio de 1934.

M.T. Ótimo, onde?

L.A. Em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro.

M.T. Tá certo, deixa eu lhe perguntar uma coisa. Quando que o senhor começou a trabalhar...

L.A. Senhor nada, coisa horrível senhor... [Risos]

M.T. Tá bom, você. Quando que você começou a trabalhar com fotografia?

L.A. A fotografia sempre mexeu comigo, eu tinha, tenho, tinha, já faleceu, um tio em Nova Iguaçu, tio Lauro, e ele, entre os hobbies dele – era fotografia, era um grande caçador, naquele tempo saíam pras matas e tal e ele fotografava. E ele tinha, depois ele, Foto Iguaçu era uma foto maior que tinha no Estado do Rio e tal. E ali me interessou, eu comecei a ver aquilo e daí, ali houve esse, tive essa atração pelo jornal e pela fotografia que ela acompanhava que era o jornalismo, era informação, era o fato que ocorreu, porque que ocorreu aquilo e ficava chateando o meu tio e tal. E o tio Ernane, que morava inclusive aqui onde eu estou morando, três casas acima, tio Ernane era... “Aninha, qual era a profissão dele?” (pergunta à esposa que estava em outro cômodo)

A.F. Químico

L.F. Era químico industrial e também dedicado à História e ele tinha uma pesquisa que ele fazia, era a época da aparição dos discos voadores, década de 50,60, e ele tinha aquela mania, tio Ernane tem um livro, o livro tá aí, o livro sobre discos voadores e aquilo me aproximou mais e tal. E eu, durante a minha... o que você queria mesmo? Minha entrada pra Revista?

M.T. Não, primeiro assim, esse seu tio que tinha a Foto Iguaçu ou esse outro tio Ernane, eles lhe ensinaram alguma coisa de laboratório fotográfico, a usar a câmera?

L.A. É, eu via isso daí e pulou pro assunto, eu fui aprendendo a fotografar, eu comprei uma Nikon.

A.F.: Esse tio Ernane que ele falou, ele fabricava as tintas da Revista O Cruzeiro na época, inclusive porque as revistas todas eram em preto e branco.

L.A. É a Revista O Cruzeiro já era..., os Associados tinham ido à falência, a maior revista que já existiu no Brasil e tinha, realmente, era a nível das internacionais, Paris Match, as revistas europeias, americanas e tal tinham intercâmbio com O Cruzeiro, enfim, tinha grandes assuntos, uma equipe de jornalismo fantástica que eu tive depois o prazer de participar dela, é, foi uma loucura, isso está escrito nesses textos, é eu fui fazer freelancer no Diário Carioca que era o jornal com os melhores textos, inovando o jornalismo, a forma de fazer jornalismo, de entrevistar, o lide, o assunto que vinha primeiro e aquilo eu acabei ganhando uma vaga para trabalhar à noite como free no Diário Carioca.

M.T. Foi o seu primeiro trabalho como fotógrafo?

L.A. Não, o meu primeiro trabalho como fotógrafo foi no Cruzeiro como auxiliar de arquivo, o arquivo em princípio me aproximava, o chefe do arquivo sabia que eu gostava de fotografia então me colocou como o auxiliar de arquivo que iria agir junto à redação. Quando um repórter daqueles famosos, David Nasser e tal, dizia “Luís Alfredo, eu preciso de três fotos do ex-presidente fulano de tal” e eu corria no arquivo, eu já dominava aquilo e procurava e fornecia isso e esse intercâmbio me tornou ainda mais. E eu comecei a fazer a minha, comprei a minha Nikon, na Mesbla, e comecei a sair pra rua e fazer fotografia e fazia umas coisas interessantes e a Revista tinha um espaço que chamava Cinquenta por Cento. Quando sobrava nas paginações, uma parte que correspondia a 50% de uma página, eles botavam uma matéria pequena ali e eu comecei a entrar nisso, com pequenos assuntos e tal.

M.T. O senhor lembra o ano que entrou como auxiliar de arquivo?

L.A. 1958

M.T. E quando que começou a fotografar?

L.A. Aí eu já tinha a minha Nikon e tal, e fazia freelancer para o Diário Carioca. No Diário Carioca eram verdadeiros gênios e gostavam de mim e eu gostava deles.

E vendo assim, eu achei aquilo maravilhoso, eu era muito bem tratado e tal e comecei a fazer assuntos que pra mim eram normais e eles gostaram demais e eu fiquei com aquilo e um dia eles me deram uma viagem num navio da Marinha que ia fazer uma visita à Ilha de Trindade, então eles me convidaram para fazer parte, para documentar isso. Mas eu pra isso, precisava de uma licença de 15 dias, que seria a duração da viagem. O Zé Amádio, que era o chefe da redação, disse: “pede ao Seu Manoel, que era o gerente da Revista, se te dá essa licença, aí eu te libero pra isso”.

Aí eu fui ao Seu Manoel e expliquei a ele. Ele foi e falou depois com o secretário da redação e tal e me chamou lá e disse assim: “é a respeito do seu assunto pra ir à Ilha de Trindade eu tenho uma resposta para lhe dar”. Eu, “pois não, seu Manoel”. “O seu pedido foi negado, eu não permito.” Aí, eu levei aquele choque, olhei pra ele, fiquei valente e disse pra ele assim: “Então, seu Manoel, eu peço demissão”. Ele disse “mas porque você vai pedir demissão?” “Porque eu preciso ir então eu vou ficar sem emprego mesmo e tal.” Ele disse “o senhor sabe porque estou lhe despedindo, do arquivo?”

A.F. Foi o Amádio, amor...

L.F. Não, Zé Amádio não, Aninha. O seu Manoel era o gerente, o Zé Amádio era Redação, são dois compartimentos. [Risos]

M.T. Ele está com a memória ótima!

L.A. Então o Manoel disse assim: “O senhor, eu não permito. O senhor a partir de hoje vai à Seção de Pessoal e peça para o senhor a partir de hoje é repórter fotográfico da Revista O Cruzeiro”. Ah, eu quase que desmaiei, né?! Então. [Risos]

M.T. Isso foi em que ano?

L.A. 1958. Eu entrei para O Cruzeiro em 1957, em 1958 eu já tinha, eu acho que ele já tava era enjoado, querendo me mandar, naquela época era Guerra do Vietnã, pro Vientã para eu não aparecer mais, né? Apareci até por mais 20 anos, graças a Deus.

Então, a partir daquele ano começou a minha carreira. Então eu fui registrado, não havia faculdade de Jornalismo, eu estava fazendo vestibular pra Direito também. Fui pra viagem, não fui à prova e fui registrado como jornalista profissional no Ministério do Trabalho e tal, tudo já era, pra mim não importava muito. A partir dali me tornei repórter fotográfico, de revista da América Latina. E fiz realmente muitos trabalhos, depois fui para a sucursal em Minas Gerais,

a chamado do Eugênio Silva que era, pra mim, um dos maiores jornalistas que existiram no Brasil. E ele também, não sei porque todo mundo gostava de mim e eu gostava de todo mundo então fui nesse barco e nele eu naveguei durante 20 e poucos anos, nos grandes assuntos e sempre eu gostava de coisas perigosas, era ver a Esquadilha da Fumaça e me via naquilo. O Cruzeiro tinha uma força fantástica, a carteira de identificação da Revista era incrível, hoje ninguém acredita. Ia no Palácio “queria falar com o presidente, é da revista O Cruzeiro”, imediatamente encaminhavam, arranjavam. Então era assim, não que eu fosse falar com o presidente, mas qualquer profissional do Cruzeiro tinha grande facilidade de aproximar-se de qualquer personalidade e viajava muito, era o que eu queria mesmo. Submarino, eu achava uma beleza, fui pra um lugar terrível que era parcel do Manuel Luís, que é o maior cemitério de navios que deve ser um dos maiores que têm no planeta até hoje, 300 e poucas [?] e mergulhei ali, fiquei preso por uma corrente durante 10 minutos, mas estava com aqualung e tal. Enfim, fiz Esquadilha da Fumaça, 38 horas de acrobacia em cima do Rio de Janeiro, vi Copacabana, vi a cidade de todos os jeitos e tal. Assim eu levei, e outros assuntos também, de sérios e...

M.T. Deixa lhe fazer uma pergunta, como é que essas pautas eram definidas? Vocês podiam propor pauta ou já vinha pronta da redação, como é que era?

L.A. Não. Em geral, a redação, o secretário tinha pauta, tinha os assuntos que ele recebia então e passava um e...

M.T. E distribuía

L.A. Isso. [?] Nasser era irmão do David Nasser. David era o papa do jornalismo, ele era o... Mas, tudo bem então ele dizia “Luiz Alfredo, ó, você vai fazer isso, Luiz Alfredo” [Tosse]

M.T. O senhor não quer uma água?

L.A. Não, não. Aí o Eugênio me levou para Belo Horizonte, em Belo Horizonte a sucursal foi fundada e eu fiquei como [?] e ali era assunto, porque Minas Gerais é um celeiro de assuntos jornalísticos, fantásticos, enfim, e eu ali desenvolvi bem a profissão, fiz várias viagens nesse universo, é, discos voadores, fui pra América. Enfim, tive uma carreira bem cheia de movimento, de perigos como eu gostava.

M.T. É, os equipamentos que você usava eram seus próprios equipamentos ou eram fornecidos pela revista?

L.A. Não, a partir dessa câmera, que era minha câmera e até hoje tá aqui comigo.

M.T. Uma Nikon, é isso?

L.A. Aí já era, não não, já era minha famosa Rolleiflex 6x6 e tinha uma Nikon, tinha, tenho, até hoje, três máquinas de 35 mm com zoom, com grande angular, todas as objetiva e a 6x6 que às vezes eu fazia capa, fazia muitas capas na Revista que eu fiz de misses, enfim, de vários assuntos que tinham mais, mais...

M.T. Entendi. Como era a relação com os outros fotógrafos e jornalistas?

L.A. Era ótima, era uma equipe muito, e eles respeitavam muito uns aos outros e eu nunca tive problema com isso e eram fantásticos. Eu tenho ali foto da equipe toda que eu fiz, eu sentadinho lá... Dá pra dar uma paradinha aí?

M.T. Dá, per aí.

L.A. Eu vou buscar aqui, só pra você ter uma ideia e depois você faz essa foto.

(Luiz Alfredo sai para buscar uma foto com a equipe da Revista em outro cômodo. Enquanto o aparelho estava pausado, ele questionou o objetivo da entrevista)

L.A. Mas eu não vejo é onde é que isso (a entrevista) vai chegar pra, pro retorno...

M.T. Eu só gravei efetivamente um registro sobre a sua trajetória, que é uma trajetória importante dentro da Revista O Cruzeiro e dentro do fotojornalismo, né?

L.A. É, aquilo que você fotografou, é uma história, aquilo tudo é verdade. Então...

M.T. Sim, mas é bom ouvir o seu depoimento porque tem coisas que estão na sua lembrança, na sua memória. Então é importante também a gente ouvir a sua versão.

L.A. Eu dentro, embaixo d'água, vestido de coisa, dentro da [?], essa é a história, a Esquadrilha da Fumaça, essas coisas...

M.T. Dentre as reportagens que o senhor fez, que você fez, quais o senhor lembra, que mais gostou de fazer?

L.A. Ah, tem, a mais importante acho que foi essa de Barbacena, correu o mundo todo, vieram vários cientistas aí pra... Essa foi, quer dizer, quem não lembra, não adianta. Essa foi divulgada também.

M.T. Sim e rendeu uma publicação, uma tese.

L.A. Ah, vários, vários livros, então isso é...

M.T. Essa o senhor considera mais importante porque teve repercussão, mas também mexeu muito com você porque...

L.A. É essa teve repercussão, foi uma coisa muito discutida na época por várias, vieram personalidades aí dessa área [Tosse] de Psiquiatria pra ver e tal e me chamavam, eu ia junto, eu não tenho vaidade pra isso, mas acho que me orgulhava de ter feito e o que me orgulhava mesmo era a Revista O Cruzeiro, de estar ali, viajando, voando, ou em qualquer coisa andando a pé e tal, mas sempre fazendo matéria.

M.T. Entendi, essa que o senhor considera de maior destaque e qual o senhor gostou mais de fazer?

L.A. O que?

M.T. Qual matéria?

L.A. Bem, só fazendo uma... tem muitas, muitas, assim não tem... Aí, é o que eu digo, está tudo aqui dentro. Eu hoje, se eu pego, você viu a pilha, aí vejo e pego alguma coisa e digo "olha essa aqui!".

M.T. Entendi

L.A. Não posso te dizer mais do que isso porque...

M.T. Entendi

M.T. Deixa lhe fazer uma pergunta assim pra gente entender como é que funcionava a Revista e a produção das matérias. Como é que era feita a escolha das imagens que iam ser publicadas? Era você mesmo?

L.A. Eu levava para o laboratório, fazia as provas.

M.T. Fazia prova contato?

L.A. Contato. E eu mandava ampliar 18 x 24, tantos, tinha uma dosagem. Eu não fazia nem demais nem de menos, ia pra mesa do... aí ele chamava, o secretário, "isso aqui e tal, como é que é isso?" Aí chamava o outro. Não era só a minha, vários colegas, o Antônio Rudge, Mário de Moraes, gente que ficou famosa aí, mas essa geração hoje não lembra mais. Então aquilo, só vivendo aquela época ou, realmente, falando dela agora. Mas mostrando, eu tenho uma foto que eu ia te mostrar, mas não dá tempo.

M.T. Não, a gente vê depois!

L.A. Todo mundo sentado, eu tô lá num cantinho, era o mais novo e tal, ao lado do Rudge e tal e aquela turma toda que era famosa e é até hoje.

M.T. Eu lhe ajudo a procurar depois. Deixa lhe perguntar outra coisa, quando que o senhor saiu do Cruzeiro?

L.A. O Cruzeiro faliu, não sei se a empresa do, os Diários Associados faliram, a sucursal fechou. Antes dela ser fechada ainda foram impressos uns três ou quatro números. Eu tinha matéria à beça, eu comprei filmes cores, 35 mm, e fotografei que eu era louco com aquilo e sabia. A Revista não tinha mais dinheiro pra mandar pra sucursal, pra diárias em hotel. Há três anos antes, a vida de um repórter de uma revista do nível do Cruzeiro, nem a Manchete tinha isso. Era incrível, os melhores hotéis, enfim, era uma vida de repórter americano, alemão, francês, não tinha diferença. Todos tinham uma vida, um salário bom. E aquilo acabou, desabou de repente, faliu.

M.T. Vocês viajavam bastante, né?!

L.A. Muito, muito, eu vivia viajando. Então, mas viagem internacional não me..., eu gostava de ir, por exemplo, índios: “vamos pro Amazonas” aí ia ver, enfim, onde tinha um boato de alguma coisa que apareceu, um fenômeno ou aqui um disco pousaria, O Cruzeiro liberava, a gente nunca fazia uma coisa pra dizer “eu vou enganar”, não, tinha a notícia e tal, ia lá fazia prova de que houve e tal, mas a matéria não interessou. Muitas matérias estavam impressas, mas havia uma solicitação da alta Direção que havia um interesse comercial para que ‘aquela’ saísse porque aquele cara, aquela empresa que tava salvando a Revista nos últimos momentos e tal, coisas assim muito particulares, hoje não tanto e até normais, mas a gente ficava, eu ficava e os outros também: “pô tiraram a minha matéria, que era uma matéria fantástica, que poderia ir para qualquer parte do mundo que ela seria...”, mas tiravam porque aquela outra substituiu. Então ela perdia atualidade, então perdia a necessidade de imprimir, de...

M.T. Deixava de ser publicada, né?! Entendi. E aí, teve então esse problema da falência.

L.A. Muita gente sofreu disso e sofre até hoje porque, não sei como é que está agora, mas já não é como antigamente. Antigamente..., hoje tem televisão, muitas formas de comunicação que substituem a velha revista. Teve o Cruzeiro, Manchete, todas aquelas revistas do mesmo gênero, imitando as europeias, ou não. Enfim, foi uma fase de jornalismo muito boa que hoje não tem mais.

M.T. Não. Depois que saiu do Cruzeiro, o senhor atuou em mais algum lugar, enfim, algum outro veículo de imprensa?

L.A. Não, porque não tinha, simplesmente, não tinha. Eu lancei, eu publiquei alguns artigos em algum jornal. Depois fui morar em Fortaleza então. Mas era conhecido de todo mundo, eu já tinha durante a permanência no Cruzeiro e no Ceará, contato com o pessoal dos Associados de lá e de outras empresas, então a pessoa fica conhecida.

M.T. Aí o senhor trabalhou, como freelancer?

L.A. Freelancer algumas vezes e tal, mas só isso. Houve muita decepção, muita que não tinha pra onde ir, ficava naquela angústia. É torturante o troço, você quer nadar e não ter água.

M.T. Onde que o senhor morou, em que cidades que o senhor morou? O senhor nasceu em Nova Iguaçu, né?

L.A. Ih, aí ó, deu à luz!

(Obs: estava sem luz na região desde o início da entrevista)

L.A. Morei no Rio muito tempo.

M.T. Morou em Belo Horizonte.

L.A. Morei em Belo Horizonte, morei em Fortaleza.

M.T. O senhor chegou a morar em Ouro Preto, não?

L.A. Não, mas Ouro Preto era minha cidade encantada. Eu vivia lá, quando tava triste, qualquer coisa, nas festas eu ia pra lá. Ouro Preto, realmente, eu não troco acho que por nenhuma cidade do mundo. Ouro Preto era mágica!

M.T. Ainda é até hoje, né?!

L.A. É. E tinha, tem tanta coisa aí de Ouro Preto, se você vê, os estudantes, hoje não tem mais, os estudantes eram os donos de Ouro Preto na década de 50, 60.

M.T. Ainda têm muitas repúblicas.

L.A. Têm, mas não se compara mais. Era uma coisa! Faziam fantasmas à noite, saíam dando susto nas pessoas, roubavam carro, era uma..., mas sempre sem maldade, sabe? Era uma coisa, a estudantada era terrível. Roubavam uma galinha e faziam a galinha e chamavam o dono da galinha pra comer. Diziam: “olha a sopa!” [Risos]

M.T. E quando que o senhor veio morar em Niterói?

L.A. Ah, meus pais eram também aqui do Rio de Janeiro, do Estado do Rio e tal, eu não lembro. Eu já morei aqui, depois saí, fui pro Nordeste.

M.T. Já tinha morado aqui em Niterói?

L.A. Já tinha morado aqui, depois voltei.

M.T. O senhor tinha família aqui também?

L.A. Essa casa aqui foram meus pais que construíram, essa aí do lado, a do lado, minha irmã morava aí.

M.T. E aqui em Niterói também me lembro da outra vez que eu tive aqui eu me lembro que o senhor comentou que teve muito contato com o Fernando Brandt.

L.A. Ah, o Brandt era meu irmão de coração.

M.T. O Milton também morou em Piratininga um tempo, não é?

L.A. Na época, todos eles. As meninas hoje Ana Cristina (filha) tem o Bituca segurando ela, tem foto aí, no colo. O Milton novinho ainda, o Fernando, o Fernando era uma figura maravilhosa, Aninha também, a gente tem assim uma coisa... A perda que eu mais senti, o Fernando era fora de série. Um grande, um texto maravilhoso, era um poeta. O Bituca também, mas o Bituca... eu tinha mais contato com o Fernando e a turma da esquina.

M.T. Sim, depois que veio morar em Niterói, o senhor chegou a estar, ter contato com outros fotógrafos daqui? Niterói tinha também uma tradição de fotógrafos jornalistas.

L.A. É, mas na verdade, não, não. Não tive não.

M.T. O senhor chegou a conhecer, em algum momento, a Sociedade Fluminense de Fotografia?

L.A. Conheci, fui lá algumas vezes ali na... Mas eu não estava mais no ramo, O Cruzeiro já tinha fechado. Eu também fiquei muito ressabiado, muito chocado com aquele troço, passou.

M.T. Entendi. O senhor chegou a realizar alguma exposição com o seu acervo, com as suas fotografias?

L.A. Tem, eu fiz, fiz. Um minuto só que eu vou te dar aqui uma, essa aqui... Tá aqui na mão, é muito material, mas... (voltou com várias matérias do Cruzeiro na mão)

M.T. Voltando, eu queria saber se o senhor gostaria de registrar alguma coisa a mais da sua experiência à frente do Cruzeiro, como é que o senhor avalia esse período do fotojornalismo. Os colegas com os quais trabalhou, enfim, trocou também experiências, né?

L.A. Tem, o Fernando foi um, o Fernando. Quem mais? Tem tanta gente, aqui do Rio, ah só revendo.... Inclusive, estou muito esquecido, muito, nomes. Também é o tempo, poxa. Foi há muitos anos, entendeu? Só remexendo minhas coisas ali. Então, a pessoa tem que ter saco pra ficar do lado, e ter interesse: “pô isso aqui que era o fulano de tal”, eu era pequenininho [?] dessa geração, da minha geração é uma beleza, a de hoje, eu não sei, a não ser as pessoas interessadas.

M.T. Tem muita gente interessada no fotojornalismo hoje em dia, em estudar esse período também.

M.T. Então, tá bom senhor Luiz eu gostaria de agradecer.

L.A. E se quiser um dia, tiver, tem muita revista ali, tem muita coisa que você não viu e que poderia ver aqui. Eu que fiz, eu até hoje fico vendo, eu, não pra me envaidecer, mas porque eu vivi aquilo e achava...

M.T. Porque, fundamentalmente, o senhor gosta de fotografia, né?

L.A. Maravilhoso. A gente tem assim, eu volto pra aquela época, e fico ali às vezes horas vendo aquilo, relembrando personagens, enfim.

M.T. Então, a gente continua com a ideia de fazer um trabalho com esse acervo, pra gente disponibilizar ele para pesquisadores, para historiadores, pra sociedade até mesmo conhecer esse período da história da fotografia.

L.A. Se alguém realmente achasse que O Cruzeiro teve, como teve, podia começar daí. Eu não sei onde está aquele arquivo, mas O Cruzeiro era digno de ter um livro dessa grossura para falar a história da vida do Brasil e do mundo através do Cruzeiro, que não tem mais.

M.T. Sem dúvida!

L.A. Era uma revista internacional, um jornalismo aqui muito bom, muita... Poxa, coisas, assuntos incríveis, eu às vezes passo ali coisas que eu não lembro mais, poxa mas eu, nós, eu não, já fizemos isso, aí eram outros. Uma equipe fantástica! Não tinha aquilo do jornal. O jornal é uma coisa, a revista é outra. No jornal o cara fica três horas o secretário diz assim: “Vai ali e vê isso, leva o fotógrafo, faz três fotos, três”. Não, o cara jornalista fotorrepórter ele faz 300,

poxa, se o assunto vale. Mas se ele fizer isso no jornal, ele vai pra rua. Então o jornal é uma coisa mais, né, comercial, mais pro dia a dia ali, esse retratinho ali, um [?].

M.T. Sim, e percebe-se no Cruzeiro uma grande preocupação com a qualidade das imagens, né?! Tanto técnica quanto estética também.

L.A. A Manchete também teve muita coisa, mas igual O Cruzeiro não teve não. Era, não na minha época, mas até antes de mim e tal. A história dos discos voadores, o Cruzeiro inventava, enfim, era o dono da...

M.T. Essas pautas assim como essa do disco voador surgiam como? Da ideia de alguém, de algum acontecimento?

L.A. Não começaram boatos, um aqui outro ali, às vezes nem era no Brasil, era nos Estados Unidos, um objeto voador foi visto em tal lugar e tal. Aí, aquilo corria e de repente aparecia, enfim. Agora, eu já vi muita coisa, assim de... Eu acho que hoje, tenho uma certa impressão e tal mas, e fui atrás de... Ih, já dormi em cima de telhado com uma câmera que pesa porque tinha aparecido na véspera ali, mas depois não apareceu mais.

M.T. Teve uma época que o senhor mergulhou, não foi isso? Mas era como fotógrafo também?

L.A. Ah é. Eu tenho, eu embaixo d'água. Eu fiz esse parcel do Manoel Luís que é lá no Maranhão. Tem trezentas e tantas embarcações. Ali é um parcel de rochas submersas a certa profundidade, a profundidade dali é era 20, 30 metros e tal. E ali era um cemitério de navios. Então eu fui pra lá, eu passei, eu fiz três viagens para acertar uma. Nisso eu passei 40 dias lá, queimado igual um... Saía, pegava aquele sol, mergulhava, tubarão, eu já nem ligava mais. Olhava pra trás e vinham passando aquelas barbatanas vinham atrás da minha... Então eram aventuras assim que eu gostava.

M.T. O senhor tinha equipamento para fotografar embaixo da água?

L.A. Ah, tinha.

M.T. Era tudo seu?

L.A. Não, era da empresa, tinha coisas minhas também. E fotos aéreas também eu gostava muito. Esquadrilha da Fumaça abria aquela [?] e botava uma pilha de coisas, ficava de cabeça assim, aquele vento na cara, descia a pedra do Cristo assim eu saía fotografando aquilo, vento passando aqui e tal, pane no avião de repente, não caiu, não caiu, pô.

M.T. O senhor era aventureiro, né?

L.A. Sim, o [?] diz que eu sou meio doido, mas não era não. Muitos profissionais tinham isso o cara queria, senão o cara não ia pra guerra.

M.T. Sim, senão não tinha fotógrafo de guerra, né?!

L.A. Tinha, mas a maior parte deles vai e quando chega, se joga, vai. O soldado vai porque o cara não vai? Muitos morreram. Eu tenho foto minha rastejando aí, com câmera, foto com arma. Esses movimentos que tinha aí, de invasão de terras e tal e o coronel chegava “olha, você é do Cruzeiro e tal, mas não temos responsabilidade, mas aqui esses jagunços aí são muito perigosos”, aí me dava uma arma “ó, tá aqui, assina aqui”, eu assinava. Tem foto minha com o cara, com o Zé da Fita, o Zé da Fita, eu tenho essa foto aí, e aquilo me... Aí, ele conversando comigo e comentando usando [?] dele: “Ô Zé das Fitas e quantas pessoas o senhor matou? “Eu não sei não, mais de trinta, isso é da vida, né?” Então, gente assim então, essas coisas que...

M.T. E o senhor chegou a usar a arma alguma vez?

L.A. Hein? Não, não, usar não. Usei assim tiro pra [?] volta e meia ainda ia. Pegava a carabina e ia, agora não vou mais não, pra fazer tiro ao alvo, pra clube de arma também, mas nunca usei. Usei assim, na reportagem porque ali eu tava, ali eu, se eu fosse atacado eu tinha que me defender ou não. Ou corria ou tinha que ... nunca tive que usar. Minha maquinazinha aqui [?]. Aí, se você gosta e um dia quiser vir aí.

M.T. Eu agradeço.

L.A. Muitos personagens que você ouviu falar há mais tempo e tal você vai encontrar ali naquelas. Pra quem gosta da coisa, é bom. Eu que vivi e ainda revejo aquilo e volta e meia vem tudo de novo.

M.T. Eu agradeço pelo seu depoimento.

L.A. Estou levantando só pra esticar a perna, hein?!

M.T. Não, vamos encerrar então, muito obrigada.

L.A. Mas você quer mais alguma coisa? (...)